

EDITORIAL

Esta revista nasceu de uma inquietação conjunta de professores e estudantes quanto ao estatuto do que podemos chamar de “comunidade acadêmica”, cujas premissas centralizam e por vezes normatizam o trabalho a que pretendemos nos dedicar. Logo nas primeiras reuniões, percebeu-se, entretanto, que apenas ficar “de fora” não nos isentaria dos problemas que criticamos em uma comunidade abstrata, pois a mesma subjetividade travestida em objetividade marcaria a equipe de editores, fosse ela qual fosse, e vários fatores extracientíficos também balizariam as escolhas. Afinal, postular o que é “científico” – ou no nosso caso, “filosófico” –, já é um corte, um crivo, não interessa qual a navalha usada. Assim, o grupo, em suas discussões, logo compreendeu que o funcionamento abstrato de uma comunidade científica, se é problemático, não é facilmente refutável. Entender o mecanismo que recorta a cientificidade de um saber, entendê-lo por dentro, a partir das formas elaboradas para garantir, no limite, alguma “objetividade”, nos pareceu tanto didática como politicamente mais atuante.

A nossa publicação, portanto, seguiu à risca as normas abstratas da comunidade acadêmica: duplo parecer cego, ambos adequados às perspectivas de cada artigo, artigos de diversas universidades, patrocinando o diálogo exógeno, em vez do cordial crescimento endógeno. Seguiu à risca um sistema, para compreendê-lo e não para mimetizá-lo, para entender suas conquistas e seus limites. Tentamos conceber formulários de avaliação e selecionar pareceristas – aos quais agradecemos imensamente – que demarcassem nossas posturas, abertos a várias perspectivas, ao diálogo acadêmico. Muito ainda há a fazer para estabelecer, por dentro, um mecanismo de debate que vá além das rubricas “aceito” e “recusado”. Se por um lado, este nosso primeiro número quer ser apenas um ensaio do que pretendemos; por outro, todos os integrantes da comissão editorial, assim como todos os docentes envolvidos, sem dúvida aprenderam muito com a troca de pareceres, com a leitura das provas dos artigos, com a polêmica instaurada pela comunidade nos bastidores da revista. Deste ponto de vista,

tudo se torna bem mais complexo e rico em contradições, das quais se faz o pensamento. E das quais se faz uma revista que tem por título *Pólemos*.

Neste primeiro número, tivemos a grata surpresa de receber muitos artigos de estudantes, mestrandos e doutorandos de outras universidades. Dos 14 artigos selecionados, 8 são de pesquisadores externos ao Departamento de Filosofia da UnB. Gabriel Pinto Nunes, graduando em Filosofia e mestrando em Letras (Japonês) pela Universidade de São Paulo, busca pensar as relações entre a ética do Oriente e a do Ocidente; André Henrique Mendes Viana de Oliveira, professor do Instituto Federal do Piauí e mestrando pela Universidade Federal do Piauí, escreve sobre os limites da ética em Lévinas; Rafael Bittencourt Santos, bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, problematiza a noção de ceticismo em Hume; Rudinei Cogo Moor, pós-graduando pela Universidade Federal de Santa Maria, propõe rever a crise filosófica que impulsiona a fenomenologia e Paulo Gilberto Gubert, mestrando pela mesma instituição, desenvolve questões em torno da noção de identidade em Paul Ricoeur; a partir da filosofia de Hume, o mestrando da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Thiago Cruz da Silva, fundamenta questionamentos sobre moral e liberdade; Ronaldo Manzi Filho, doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo, escreve sobre as relações entre a noção de carne em Melanie Klein e Merleau-Ponty e o estudante de Direito da própria Universidade de Brasília, Abhner Youssif Mota Arabi, aborda de forma filosófica a polêmica político/religiosa do uso do véu próprio à cultura islâmica. De início, já nos sentimos vitoriosos com essa procura pela revista como veículo de divulgação de pesquisas, nos próximos números, esperamos incentivar ainda mais a troca entre várias universidades, áreas e departamentos.

Evitar o fechamento endógeno da instituição evidentemente não significa esquecer o papel da revista para o próprio Departamento de Filosofia da UnB, no duplo movimento de diálogo interno e externo que queremos instaurar. O campo criado com esta publicação permitiu uma nova interação entre graduação, pós-graduação e mestres egressos do nosso programa, muitos deles atores do processo como autores e pareceristas. Alguns artigos são resultado de dissertações de mestrado do PPG-FIL UnB, concluídas ou em andamento, tais como os textos de Zora Yonara Torres Costa sobre o corpo das lésbicas e o de Arthur Bartholo, reflexão sobre o conceito de repetição em Kierkegaard; outros são produto de pesquisas de iniciação científica, tais como o artigo sobre Walter Benjamin de Letícia Botelho, as reflexões sobre a modernidade a partir de Heidegger de Bianca Machado e o ensaio de Elzahra Osman, interceptando as

relações entre o poético e o filosófico em autores como Heidegger, María Zambrano e Octavio Paz. Há, ainda, pesquisas resultantes de cursos de graduação, como o artigo sobre Leo Strauss de Mathias Möller.

Além desses artigos selecionados pelos pareceristas, ao fim da revista, incluímos os resumos das pesquisas desenvolvidas na graduação pelo Departamento de Filosofia, como exemplos prospectivos do que podemos apresentar em números futuros da nossa revista.

Por fim, nossa capa foi elaborada a partir da fotografia do graduado em Filosofia, Victor Proa, e do logotipo da revista, do também estudante do nosso departamento, Douglas Anderson dos Santos.

Só podemos agradecer a todos que participaram desse longo processo de aprendizado, auxiliando, criticando, polemizando, explicitando, enfim, a dinâmica tensa da produção de conhecimento. Como na imagem fotográfica da capa, pode haver novos pontos de vista até mesmo para as monolíticas perspectivas de Brasília.

A Comissão Executiva